

PENEDO sedia a terceira edição do Festival de Cinema Universitário de Alagoas; este ano, apenas 50 curtas foram inscritos

# Cidade do Cinema

Francisco Ribeiro  
Repórter

**D**urante cinco dias, a histórica Penedo tornou-se novamente a cidade alagoana do cinema. O pequeno município ribeirinho acostumou-se ao longo das décadas de 1970 e 80 a receber turistas, profissionais do cinema e pessoas ligadas às artes para ver e discutir filmes. Suas ruas estreitas e repletas de pedras ficavam quase intransitáveis.

Algo muito além dos habituais 60 mil habitantes, segundo o IBGE.

Foi assim entre 1975 e 1982, período no qual a cidade banhada pelo Rio São Francisco sediou oito edições do extinto Festival de Cinema de Penedo, que serviu como uma vitrine para o cinema nacional feito em Super-8. Acompanhando o momento atual de retomada do audiovisual no estado, o evento renasceu em 2011.

Agora, com nova proposta e sem o glamour de outrora,

o Festival de Cinema Universitário de Alagoas chega à sua terceira edição. O evento, que aconteceu entre 12 e 16 de novembro, contou com uma vasta programação. Nela, estiveram incluídas as mostras competitiva e cineclubista, oficinas, workshops e apresentações artísticas.

A quantidade de filmes inscritos neste ano causou espanto para quem acompanha o festival desde o início. Ao todo, cerca de 50 curtas foram avaliados e 25 foram sele-

cionados por uma comissão especialista na área composta por Ranieri Brandão, Ricardo Lessa e Tiago Penna. A segunda edição contou com 92 inscritos e 27 aprovados. A diminuição no número de curtas refletiu na qualidade do que foi visto pelo público.

Filmes produzidos no Rio de Janeiro (05), Alagoas (04), Paraíba (03), Sergipe (02), Minas Gerais (01), Rio Grande do Sul (01), Ceará (01), São Paulo (01), Pernambuco (01), Maranhão (01), Mato Grosso do Sul (01) e

Goiás (01) competiram em três categorias: Melhor Curta Metragem – Júri Popular, Melhor Curta Metragem – Júri Oficial e Velho Chico de Cinema Alagoano.

Dois quesitos referentes à projeção, que foram alvos de críticas nas edições passadas, tiveram uma sensível melhora. São eles: a qualidade da imagem e do som, além da produção não ter optado por ventiladores umedecedores de ar para climatizar o ambiente, cujo barulho dos equipamentos prejudicava o áudio do filme.

## Homenagem a Celso Brandão: preferência pela cultura popular

O fotógrafo e cineasta alagoano Celso Brandão foi o homenageado desta edição do festival. Celso contabiliza uma filmografia extensa: são mais de 50 filmes no currículo. Uma das principais temáticas do seu trabalho são elementos da cultura popular, como o artesanato, as festas e as crendices locais.

“Eu recebi um convite para ser homenageado pelo Festival de Cinema Universitário de Alagoas e, dentro dessa proposta, me foi sugerida a possibilidade de publicar um livro solo. Com curadoria de Karla Melanias, com quem já havia trabalhado antes, tudo transcorreu em bons termos, para a minha grata surpresa. Fiquei ainda mais satisfeito de a minha fotografia ter sido trabalhada por um grupo alagoano”, disse em entrevista ao blog Graciliano On-line.

Compiladas pela primeira vez numa obra individual, 18 fotografias feitas por Celso longo da década de 1990 compõem “Memento”, livro que teve o seu lançamento na noite de abertura do festival (12), na Casa da Aposentadoria. O livro foi um dos contemplados pela última edição do Programa de Incentivo à Cultura Literária, promovido pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos.

No mesmo local, foi aberta uma mostra com as imagens reunidas no livro. Para Karla Melanias, responsável pela curadoria da exposição, “Memento” é uma homenagem à poética fotográfica e à carreira de Celso Brandão. “Eu acho que o Celso é uma referência na fotografia genuinamente alagoana. Suas fotos possuem uma intensidade simbólica e conceito muito forte. Esse trabalho representa um recorte pequeno da trajetória dele”, ressaltou. F.R.



Público presente à sessão de abertura da Mostra Competitiva do 3º Festival de Cinema Universitário de Alagoas; pouca gente e filmes “mais ou menos”

## Mostra Competitiva teve uma edição acanhada

Numa edição morna, com pouco público presente nas sessões e filmes cuja qualidade foi inferior a de anos anteriores, o tempero do 3º Festival de Cinema Universitário de Alagoas foi o resultado dos vencedores da Mostra Competitiva, divulgada na noite de sábado, dia 16.

“Os curtas exibidos no festival tiveram uma evolução técnica nas produções de uma forma geral. Em comparação aos eventos anteriores, contudo, em termos da linguagem e de exercício cinematográfico, ainda há um caminho a se percorrer”, ressaltou a comissão julgadora.

Em caráter inédito, o curta alagoano “Mwany”, de Nivaldo Vasconcelos,

ganhou na categoria destinada a produções realizadas em outros estados. “Foi uma ruptura de um paradigma de que os filmes alagoanos não poderiam concorrer com as produções de fora. E por isso uma categoria exclusiva para eles”, disse Nivaldo.

No filme, o elo entre Brasil e África é retratado poeticamente através da ligação entre a moçambicana que mora em Maceió, Sônia André, e seu país de origem. Ela veio com sua filha de seis anos para estudar Música na Ufal.

“Mwany” dividiu o prêmio de Melhor Curta Metragem – Júri Oficial com “O que aprendi com meu pai” (GO), de Getúlio Ribeiro.

Segundo a comissão julga-

dora, “o júri entendeu que esses dois curtas conseguiram um maior equilíbrio entre os aspectos técnicos e artísticos”.

Já na categoria Melhor Curta Metragem – Júri Popular, quem levou o prêmio foi “Codinome Beija-flor” (RS), de Higor Rodrigues.

“Codinome...” mistura documentário e ficção. O diretor colheu entrevistas de três mulheres que descobriram ser portadoras do HIV. Um quarto entrevistado – que nos créditos finais descobrimos ser um ator – cria o fio narrativo na história. O jovem é atormentado pelo receio de se descobrir contaminado com a doença, após uma noite de sexo casual.

Na categoria Velho Chico de

Cinema Alagoano, destinada ao melhor filme produzido no estado, o documentário arapiraquense “Salão dos Artistas” (AL), de José Faustino Neto, foi o ganhador.

“O curta conseguiu um bom diálogo com o público, ao unir boa qualidade técnica e narrativa como documentário”, avaliou o júri.

As menções honrosas foram para “No interior da minha mãe” (MA), de Lucas Sá Araújo, “pela forma inventiva como o filme articulou uma relação do realizador com a sua cidade e com sua família”. E para “A moça que existe em meus sonhos” (MG), de Luhan Dias Souza, “pelo esmero no exercício da técnica de animação”. F.R.